MARILI

L'édit. originale donnée par Bulhões, 5
ne contient que les parties 1 et 2, l'addi-
tion de poésies apocryphe date seulement
de 1800. L'édit. de l'imp. roy. 1812 et la
présente réimp. ainsi que celle de 1819,
ont été bien dirigées et ne contiennent
pas la 3me partie. Cette malencontreuse
addition se rencontre dans les édit. de
1820, 1827 et 1840 données par les Rolland.
Elle est également dans celles de 1824, puis
dans les réimp. de 1825 et 1828 de Nunes
on la trouve répétée en 1827, imp. roy. en
1835 à Bahia et en 1845 Rio

MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

PARTE I.

NOVA EDICÇÃO.

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA LACERDINA.
1811.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

ADVERTENCIA.

NEsta Edicção que vamos agora expôr ao Público, das Obras do nosso amavel Poeta, talvez unico neste genero de Poesia, temos a satisfação de poder dizer, que se não vão taes quaes elle as compozéra, tambem ninguem as terá tão exactas; pois que a troco de laboriosas fadigas, e por dilatados tempos, nos impozemos a tarefa de mendigar as Copias mais authenticas, e fidedignas, algumas até pela letra do mesmo Author; e depois de hum maduro exame as colligimos desta maneira, substituindo-lhes muito mais Lyras, multiplicidade de versos, e mesmo infinidade de palavras trocadas, que vinhão nas Edicções ante-

cedentes. Tambem devemos prevenir o mesmo Público de que supposto fosse impresso em Lisboa hum folheto, figurando a Terceira Parte das Obras do mesmo Author, he inteiramente apocrifo, e até feito por pessoa do nosso conhecimento; e como só queremos dar á Luz tudo aquillo de que temos huma cabal certeza ter sido composto pelo nosso amabilissimo Poeta; razão porque foi por nós altamente desprezado; não querendo que o Público o avalie por mais do que vale.

MARILIA
DE
DIRCEO.

LYRA I.

EU, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitão este monte,
Respeitão o poder do meu cajado.

Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som della concérto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só appreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser Senhora.
He bom, minha Marilia, he bom ser dono,
De hum rebanho, que cubra mõte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'hũ rebanho, e mais q'hũ trono.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoila, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr da neve.
Os teus cabellos são huns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.

Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
Para gloria de Amor igual Thesouro.
Graças, Marilia, bella,
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar huma rez, o nedio gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mũdo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês hum riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descançarei a quente sésta,
Dormindo hum leve somno em teu regaço:
Em quanto a luta jogão os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
» Quem quizer ser feliz nos seus amores,
» Siga os exemplos, que nos derão estes «
Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

LYRA II.

Pintão, Marilia, os Poetas
A hum menino vendado,
Com huma aljava de settas,
Arco empunhado na mão:
Ligeiras azas nos hombros,

O tenro corpo despido,
E de Amor, ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porem eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor; pois elle
Nem he moço, nem he cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Hum retrato mais perfeito,
Que elle já ferio meu peito;
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa,
Arqueadas sobrancelhas,

A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava:
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso;
Elle, ouvindo os seus louvores,
Com hum gesto desdenhoso
Se surrio, e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança,
Busco dar hum desafogo
Ao cansado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe hum beijo,
Cubrio-se todo de pejo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Comtigo estarás dizendo,
Que he este o retrato teu.
Sim, Marilia, a copia he tua,
Que Cupido he Deos supposto;

Se ha Cupido, he só teu rosto;
Que elle foi quem me venceo.

LYRA III.

De amar, minha Marilia, a formosura
Não se pódem livrar humanos peitos.
Adorão os Heróes; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marilia, despreza huma belleza,
A luz da razão precisa;
E se tem discurso, pisa
A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro:
Outras vezes tomou as várias fórmas
De General de Thebas, velha, e touro.
O proprio Deos da Guerra deshumano
Não viveo de amor illeso;
Quiz a Venus, e foi preso
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,
Tem mais desculpa, ou menos esta châma:
Amar formozos rostos acredita,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,
Que amou vulgar donzella:
Lê que amou a Danae bella,
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar huma belleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;
Qual he a minha gloria, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deoses Soberano
Hum semblante peregrino:
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

LYRA IV.

Marilia, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,

Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
Marilia, escuta.
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
A' fonte mais clara,
A' vargem, e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se alguem te louvava,
De gosto me enchia;
Mas sempre o ciume

No rosto accendia
Hum vivo calor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava;
Se estavas sentida,
Dirceo suspirava
A' força da dôr.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia;
Surria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste,

Da tua fé pura
Hum doce penhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor

Tu já te mudaste;
E a Olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me;

Pois busca o meu damno
Da sorte, que for.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

LYRA V.

OH! quanto póde em nós a vária Estrella!
Que diversos que são os genios nossos!
Qual sólta a branca vella,
E affronta sobre o pinho os mares grossos!
Qual cinge com a malha o peito duro;
E marchando na frente das cohortes,
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sórdido avarento em vão defende
Que possa o filho entrar no seu thesouro:
Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que vérga, as barras d'ouro.
Sacode o jogador do cópo os dados;
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens, do pai herdados.

O que da voraz gulla o vicio adora
Da lauta meza os seus prazeres fia.
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Gallileo toma o compasso,
E sem voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois, Marilia, a vária gente,
Se deixa conduzir do proprio gosto;
Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cansar-me a saber se o Sol se move,
Ou se a terra voltêa, assim conheço,
Aonde chega o podêr do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;
E noto as faces de jasmins, e rosas:
Noto os teus olhos bellos;
Os brancos dentes, e as feições mimosas:
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem póde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.

LYRA VI.

ACaso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alceo me deixou?
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Daquelle penhasco
Hum rio cahia,
Ao som do sussurro
Que vezes dormia!

Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas:
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia;
O E'co as palavras
Tres vezes dizia.
Se chamo por elle,
Já não me responde;
Parece se esconde,
Cansado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sitios?
São estes, mas eu
O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Aqui hum regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flores, e feno:
A' esquerda se erguia
Hum bosque fechado;
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro?
Accaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de hum dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;

Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor, e saudade:
Os sitios formosos,
Que já me agradárão,
Ah! não se mudárão;
Mudárão-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas?
Espera, que eu vou.

LYRA VII.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porém como se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores:
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.
  Ah soccorre, Amor, soccorre
  Ao mais grato empenho meu!
  Vôa sobre os Astros, vôa,
  Traze-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo;
Busquemos hum pouco mais;
Nos mares talvez se encontrem
Cores, que sejão iguaes.
Porém não, que em paralello
Da minha Nynfa adorada

Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar-se pódem
Taes bellezas, como aquellas,
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas:
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos, que matão,
Não imitão, não retratão
Nem Auroras, nem Estrellas.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traze-me as tintas do Ceo;

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma Esféra;
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a Deosa de Cithéra;

Porém não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bem que a Paris não peitasse,
A todas as tres vencêra.
　　Vai-te, Amor, em vão soccorres
　　Ao mais grato empenho meu:
　　Para formar-lhe o retrato
　　Não bastão tintas do Ceo.

LYRA VIII.

EU sou, gentil Marilia, eu sou captivo,
Porém não me venceo a mão armada
　　De ferro, e de furor:
Huma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
　　A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
　　Com pezados martellos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas

Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra:
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empyreo,
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marilia, os succos saborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beiços graciosos
O mel não chupão, chupão ambrozias
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura;
A fonte crystalina,
Q' sobre as pedras cahe de immensa altura,
Não fórma hum som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Em tôrno dos teus peitos, que palpitão,
Exhalão mil suspiros desvelados
Enxames de desejos;
Se encontrão os teus olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, voão, chegão,
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;
A náo, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;
Eu prézo o captiveiro: sim, nem chamo
A' mão de amor impía:
Honro a virtude, e os teus dotes amo:
Tambem o grande Achilles veste a saia,
Tambem Alcides fia.

LYRA IX.

MArilia, de que te queixas?
De que te roube Dirceo
O sincero coração?
Não te dêo tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançastes o grilhão?
  Todos amão: só Marilia
  Desta lei da Natureza
  Queria ter isenção?

Em tôrno das castas pombas
Não rulão ternos pombinhos?
E rulão, Marilia, em vão?
Não se affagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
  Todos amão: só Marilia
  Desta lei da Natureza
  Queria ter isenção?

Já viste, minha Marilia,
Avezinhas, que não fação
Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlação,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso, em que estão?
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marilia, gerão
Nos bravos mares, e rios,
Tudo effeitos de Amor são.
Amão os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A Onça, o Tigre, o Leão.
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

As grandes Deosas do Ceo
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,

Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião?
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Queria ter isenção?

Desiste, Marilia bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chama he inspirada
Pelo Ceo; pois nella assenta
A nossa conservação.
Todos amão: só Marilia
Desta lei da Natureza
Não deve ter isenção.

LYRA X.

SE existe hum peito,
Que isento viva
Da chamma activa,
Que accende Amor.

Ah! não habite
Neste montado;
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o impio
Aqui se esconde,
Não sei aonde;
Mas sei que o vi.
Traz novas settas,
Arco robusto;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O Impio tem.
Oh! como he justo
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem!

No corpo ainda

Menino existe;
Mas quem resiste
Ao braço seu?
    Ao negro Inferno
Levou a guerra;
Vencêo a terra,
Vencêo o ceo.

Já mais se cobrem
Seus membros bellos;
E os seus cabellos
Que lindos são!
    Vendados olhos,
Que tudo alcanção,
E já mais lanção
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve;
E a bocca breve
Só risos tem.
    Mas, ah! respira
Negros venenos,

Que nem ao menos
Os olhos vêm.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.
Fere com estas
Agudas lanças
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falta,
Tem outra prompta,
Que a dura ponta
Já mais torcêo.
Ninguem resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha deo.

Ah! não sustente
Dura peleja
O que deseja

Ser vencedor.
Fuja, e não olhe,
Que só fugindo
De hum rosto lindo
Se vence Amor.

LYRA XI.

NÃo toques, minha Musa, não, não to-
Na sonorosa Lyra, (ques
Que ás almas, como a minha, namoradas
Doces Canções inspira:
Assopra no clarim, que apenas sôa,
Enche de assombro a terra;
Naquelle, a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thesouro:
Vivos olhos, e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro;
Meus olhos só vêm gramas, e loureiros;
Vêm carvalhos, e palmas;
Vem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
As Serpes despedaça;
Que fere os Cácos, q' destronca as hydras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
Dos Titães, e Tyfêos,
Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,

Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz tambem levanto;
Porém tu déste muito acima o ponto,
Dirceo não póde tanto:
Abaixa, minha Musa, o tom, q' ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,
E só, *Marilia*, digo.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-se
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora
Meu canto já se affina;
E a humana voz parece que ao som dellas
Se faz tambem divina.
O mesmo, que cercou de muro a Thebas,
Não canta assim tão terno;

Nem póde competir comigo aquelle,
Que desceo ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
Mostrão signaes de espanto,
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Parão o ledo canto:
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come:
Quanto pódem meus versos! Quanto póde
Só de Marilia o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

LYRA XII.

Topei hum dia
Ao Deos vendado,
Que descuidado
Não tinha as settas
Na impia mão.
Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

Morre, tyranno,
Morre, inimigo:
Mal isto digo,
Raivoso o apérto
Nos braços meus.
Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se

Tambem me aperta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão ?
Poude suster-se
A vez primeira ;
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo,
Ferro aguçado
No já cançado
Peito, que arqueija,
Mil golpes dèo.
Suou seu corpo ;
Tremeo gemendo ;
E a côr perdendo,
Batèo as azas ;
Em fim morreo.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou.
Para que próve
A empreza honrada,
C'o a mão manchada
Recolho as settas,
Que me deixou.

Ouvio Marilia
Que Amor gritava;
E como estava
Visinha ao sitio
Valher-lhe vem.
Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto

De pó cuberto,
E todo envolto
No sangue seu,
As mãos aperta
No peito brando,
E afflicta dando
Hum ai, os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida;
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.
Então o monstro
Dando hum suspiro,
Fazendo hum gyro
C'o a baça vista,
Ressuscitou.

Respira a Deosa;
E vem o gôsto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,

Que fez a dôr.
    Que louca idéa
Foi, a que tive:
Em quanto vive
Marilia bella,
Não morre Amor.

LYRA XIII.

MInha bella Marilia, tudo passa;
A sorte deste mundo he mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
    Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado:
Apollo já fugio do Ceo brilhante,
    Jà foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no sepulchro,
Que seus avós ergèrão, descançado:
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torto arado.

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.
Hum coração, que frouxo
A grata posse de seu bem defere,
A si, Marilia, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
E façamos de feno hum brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possão deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,

E se entorpece o çorpo já cançado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.
A mesma formosura
He dote, que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias, que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.
Ah! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XIV.

OH! quantos riscos,
Marilia bella,
Não atropella
Quem cego arrasta
Grilhões de Amor!
Hum peito forte,
De acordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar.
Se o Helesponto
Se encapellava,
Ah! não deixava
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
A heroicidade
Esta verdade,
Minha Marilia,
Prova tambem.
    Cheio de esfôrço
Vai ao Cocyto
Buscar afflicto
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração!
    Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente

Mortal licor.
Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mete horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.
Por tres gargantas,
Quando alguem bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soão lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!
Minos a pena
Manda se intime

Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega;
E apenas chega
Do monte ao cume,
O faz rolar.
A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle:
Por cima delle
Verdejão ramos,
Que pomos dão.
De balde a bocca
Molhar pertende;
De balde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito

Despedaçado:
Monstro esfaimado
Já mais descança
De lho roer.
A roxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom Cantor.
Não se entorpece
A lingua, e braço;
Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah! tambem quanto
Dirceo obrára,
Se precisára,
Marilia bella,
Do esforço seu!

Rompera os mares
C' o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes
De Thracia, e Abydo
Não deo Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.
Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os gráos de Amor.

LYRA XV.

A Minha bella Marilia
Tem de seu hum bom thesouro;
Não he, doce Alceo, formado
Do buscado
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes,
He feito de huns olhos bellos,
De humas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos;
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
        Nos caudosos
        Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza;
Mas, ah! charo Alceo, quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas, que Marilia
No seu thesouro metêo?
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte, que vive o rico

Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador de gado
Apoucado,
Mas contente.
Beije pois torpe avarento
As arcas de barras cheas:
Eu não beijo os vís thesouros;
Beijo as douradas cadeas,
Beijo as settas, beijo as armas
Com que o cego Amor venceo:
Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo, e o fero Marte;
Ama, Alceo, o mesmo Jove:
Não he, não, a vã riqueza,
Sim belleza,
Quem os move.
Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo:
Deixo os bens, que aos homens cegão,
Sigo dos Deoses o exemplo:
Amo virtudes, e dotes;
Amo em fim, prezado Alceo,

Bens, que valem sobre a terra,
E que tem valor no Ceo.

LYRA XVI.

MInha Marilia,
Tu enfadada?
Que mão ousada
Perturbar póde
A paz sagrada
Do peito teu?
Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante,
Tambem troveja
O claro Ceo.

Eu sei, Marilia,
Que outra Pastora
A toda a hora,
Em toda a parte

Cega namora
Ao teu Pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo:
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marilia,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.
Quem tem teu rosto
Ah! não receia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabello,

Sem pelles finas
No seu jubão.
Porém que importa?
O rico aceio
Não dá, Marilia,
Ao rosto feio
A perfeição.

Quando apareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada
Sem fita, ou flor.
Ah! que então brilha
A natureza!
Então se mostra
Tua belleza
Inda maior.

O Ceo formoso,
Quando alumia
O Sol de dia,
Ou estrellado

Na noite fria,
Parece bem.
Tambem tem graça
Quando amanhece;
Até, Marilia,
Quando anoitece
Tambem a tem.

Que tens Marilia,
Que ella suspire!
Que ella delire!
Que corra os valles!
Que os montes gire
Louca de amor!
Ella he que sente
Esta desdita;
E na repulsa
Mais se acredita
O teu Pastor.

Quando ha, Marilia,
Alguma festa
Lá na floresta,
(Falla a verdade)

Dança com esta
O bom Dirceo?
E se ella o busca,
Vendo buscar-se
Não se levanta,
Não vai sentar-se
Ao lado teu?

Quando hum por outro
Na rua passa,
Se ella diz graça,
Ou muda de gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão?
Se está fronteira,
É brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão?

Deixa o ciume,
Que te desvella;
Marilia bella,
Nunca receies

Damno daquella
Que igual não for.
Que mais desejas?
Tens lindo aspécto;
Dirceo se alenta
De puro affecto,
De pundonor.

LYRA XVII.

NÃo vez aquelle velho respeitavel
Que á moleta encostado
Apenas mal se move, e mal se arrasta?
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo!
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugarão-se as faces, e perdêrão
Seus olhos a viveza;
Voltou-se o seu cabello em branca neve:
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
Nem tem huma belleza
Das bellezas, que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia,
Daqui a poucos annos;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahiráõ, e os meus cabellos.
Ah! sentirei os damnos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penosa.
Não trarei a moleta carregada:
Descançarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei comtigo ao prado florescente:
Aqui me buscarás hum sitio ameno,
Onde os membros descance,
E o brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte, que ficar fronteira,

Apontando direi: *Alli fallámos*,
Alli, ó minha bella,
Te vi a vez primeira.

Verteráõ os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria:
Faráõ teus olhos ternos outro tanto:
Então darei, Marilia, frios beijos
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando
Meus baços olhos cerra.

LYRA XVIII.

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
Pastora formosa,
Pastora engraçada.
Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpúreos beiços,
Vejo o peito crystallino;
Nem ha cousa, que assemelhe
Ao crespo cabello louro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
A' laranjeira copada,
Estando de flores,
E frutos ornada.
He, Glauceste, os teus Amores;
E nem por outra Pastora,

Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cançára
As divinas cordas de ouro.
Ah! que a tua Eulina vale,
Vale hum immenso thesouro!

Sim, Eulina he huma Deosa;
Mas anima a formosura
De huma alma de féra;
Ou inda mais dura.
Ah! quando Dirceo pondéra
Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira!
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Tambem aos olhos he bello;
Mas quando alumea,
Tu tremes de vêlo.

Que importa se mostre chea
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago, e desdouro;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A' natureza não deve!
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gôsto,
Ri-se Marilia contente:
Se canto, canta comigo;
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello louro.
A minha Marilia vale,
Vale hum immenso thesouro.

LYRA XIX.

Em quanto pasta alegre o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
A' sombra deste cedro levantado.
Hum pouco meditemos
Na regular belleza,
Que em tudo, quanto vive, nos descobre
A sábia Natureza.

Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta.
Attende mais, ó chara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,

E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto delles pisa,

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando;
E reflectir então no seu semblante!
Quando, Marilia, quando
Disser comsigo: *He esta*
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma bocca, e testa.

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho!
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as mães hum dos filhos abraçados;
Jogar outros a luta, outros correrem

Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquillo, que de pezo serve,
Inspira Amor doçura.

LYRA XX.

EM huma frondosa
Roseira se abria
Hum lindo botão.
Marilia adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondêo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordêo.

Apenas lhe morde,

Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

Se tu por tão pouco.
O pranto desatas,
Ah! dá-me attenção;
E como daquelle,
Que feres, e matas,
Não tens compaixão?

LYRA XXI.

NÃo sei, Marilia, que tenho,
Depois que vi o teu rosto;
Pois quanto não he Marilia,
Já não posso ver com gôsto.
N'outra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro:
Hoje, ó bella, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto
Serão effeitos de Amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
Fito os olhos na janella,
Aonde, Marilia bella,

Tu chegas ao fim do dia;
Se alguem passa, e te saúda,
Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto
Serão effeitos de Amor?

Se estou, Marilia, comtigo,
Não tenho hum leve cuidado;
Nem me lembra, se são horas
De levar á fonte o gado.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge hum dia o meu desgôsto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado,

Aqui no centeio pégo,
N'outra parte em vão o cégo:
Se alguem comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
N'outra cousa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos são os que sinto
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marilia me desvella;
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa della.
Mal durmo, Marilia, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços;
Gella-se o sangue nas veias,
E sólto do somno os laços
A' força da immensa dôr.
Ah! que os effeitos, que sinto,
Só são effeitos de Amor.

LYRA XXII.

Muito embora, Marilia, muito embora
Outra belleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da salla, aonde habita,
Adorne a seda, e o tremó dourado;
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da pállida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecêrão,
De quem nem se quer temos a memoria!
Só pódem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Senão houvesse Tasso, nem Petrarcha,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabía o mundo, se existirão
Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
Que morrem com os annos.

LYRA XXIII.

N'Um sitio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lyrios,
Murtas viçosas;

Dos seus amores
Na companhia
Dirceo passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina;
E a voz iguala
A' voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chêa:

Então Cupido
Apparecendo,
A' bella falla
Assim dizendo:

Do teu amado
A lyra fias,
Só porque delle
Zombando rias?

Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
A' lingoa, e braço.

Nem creias que outro
Estilo tome,
Sendo eu o mestre,
A acção teu nome.

LYRA XXIV.

ENcheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobres rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defeza,
A todos dêo as armas, que convinha
A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas;
Dêo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra:
Com leve pé saltando o cervo foge:
E o bravo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas:
Dêo-lhe dedos ligeiros,
Que pódem converter em seu serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios, com que aos brutos cortão
Os vôos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve;
Só ella mudar póde o gêlo em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia.

E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pódem soprar o fogo da discordia
Em povos alliados;
E's árbitra da terra;
Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz, e a dura guerra.

LYRA XXV.

O Cego Cupido hum dia
Com os seus genios fallava
Do modo, que lhe restava
De captivar a Dirceo.
Depois de larga disputa,
Hum dos genios mais sagazes
Este conselho lhe deo:

As settas mais aguçadas,
Como se em rócha batessem,
Dão no peito seu, e descem
Todas quebradas ao chão.
Só as graças de Marilia
Pódem vencer hum tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor:
Que elle vive com as aves,
Que já deixárão as pennas
No visco do caçador.

Na força deste conselho
O raivoso Deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.
Todos pertendem ganha-la,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão
Da Deosa nos olhos bellos:
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendeo.
  Hum amorinho cansado
Cahio dos labios ao seio,
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.
  Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sósinho brincar.
  A elle endireita os passos;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia, e chorava:
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.
    Este', mal vio a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.
    Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as Serêas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.
    Traçou a lingua nos dentes;
Mettêo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O Genio, que se escondia
Entre os peitos da Pastora,
Erguêo a cabeça fóra,
E o successo conhecêo.
Deixa o socego em que estava,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dircêo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria,
Com o calor, que trazia,
Lhe abrazou o coração.
Dá o Pastor hum suspiro,
Abre os seus olhos, e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir.
Cada hum as armas tóma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grilhões.
O Pastor já não resiste;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões.

LYRA XXVI.

TU não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a groça areia,
E já brilharem os granetes de oiro
No fundo da Batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos;
Queimar as capoeiras ainda novas;

Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheirozo fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Vermeás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,

Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade,
A tua formosura.

LYRA XXVII.

O Destro Cupido hum dia
Extrahio mimosas cores
De frescos lyrios, e rosas,
De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de huma, e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
No seu liso centro escreve
Hum letreiro, que pergunta;
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,

E lêo a letra engenhosa,
Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*
Dê-se a Marilia formosa.

LYRA XXVIII.

ALexandre, Marilia, qual o rio,
Que engrossando no Inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cérca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro,
Morreo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi Marilia, sómente
Hum ditoso pirata,
Hum salteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça

A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A' sua mesma Patria a fé quebranta;
Na mão a espada tóma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser heróe por hum délicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Hum vil traîdor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada.
Ganhei, ganhei hum throno,
Ah! não manchei a espada,

Não o roubei ao dono;
Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descanção seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia,
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanço, e mais do gôsto:
Quando estou acordado
Contemplo no teu rosto
De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

LYRA XXIX.

Tu formosa Marilia já fizestes,
Com teus olhos ditosas as campinas,
E o turvo ribeirão em que nascestes;
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas serras:
Anda afoita romper os groços mares,
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por ti suspirão
Os meus saudosos lares!

Não corres como Sapho sem ventura,
Em seguimento de hum cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura;
Segues hum fino amante,
Que a perder te morria.
Quebra os grilhões do sangue e vem ó bella;
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! deves ser no Norte

Tambem a minha estrella.

Verás ao Deos Neptuno soccegado,
Aplainar c'o tridente as crespas ondas;
Ficar como dormindo o mar salgado;
Sim, e verás d'alheta
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme desrinzar-se o linho:
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas,
Que estala, e corta com murmurio brando;
Verás, verás Marilia,
Da janella doirada,
Que huma comprida estrada representa
A limpha cristalina, que pisada
Pella popa que foge,
Em borbolhões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso,
Tornar ao torto anzol, depois de o terem

Pella rasgada bocca ao ar suspenso;
Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Hum repucho formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás em fim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Humas de côr azul, ou mais escuras,
Outras da côr de rosa, ou prateadas,
Fazerem no Orisonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á Foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teu semblante,
Dará no Leme do Baixel hum beijo.
Eu lhe direi vaidoso:
Não trago, não comigo,
Nem pedras de valor, nem montes d'oiro;

Roubei as aureas minas, e consigo
Trazer para os teus cofres,
Este maior Thesouro.

LYRA XXX.

CUpido tirando
Dos hombros a aljava
N'um campo de flores
Contente brincava.

Ao corpo tenrinho
Depois enfadado
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deos conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme

Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deos a não sente.

Os Faunos, mal virão
As armas roubadas,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultão
Responde, dizendo:

Temieis as settas
Nas minhas mãos cruas?
Vereis o que pódem
Agora nas suas.

LYRA XXXI.

O Tyranno Amor risonho
Me apparece, e me convida
Para que seu jugo acceite;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

O sonoro Anacreonte
(Astuto o moço dizia)
Já perto da morte estava,
Inda de amores cantava;
Por isso alegre vivia.

Aos negros, duros pezares
Não resiste hum peito fraco,
Se amor o não fortalece:
O mesmo Jove carece
De Cupido, e mais de Baccho.

Eu lhe respondo: *Perjurò*

Nada creio do que dizes;
Porque já te fui sujeito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.

Se o mundo conhece malles,
Tu os maiores fizeste:
Sim tu a Troya queimaste,
Tu a Cartago abrazaste,
E tu a Antonio perdeste.

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz affoito que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnêz, e á pressa
Ponho hum elmo na cabeça,
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,

Marilia (oh Ceos !) me apparece :
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno :
Confessa louco o teu erro ;
Contra as armas da belleza
Não vale a externa defeza.
Dessa armadura de ferro.

LYRA XXXII.

JUnto a huma clara fonte
A mãe de Amor se sentou :
Encostou na mão o rosto ,
No leve somno pegou.

Cupido , que a vio de longe ,
Contente ao lugar corrêo ;
Cuidando que era Marilia
Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:
Amor a conhece; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão:

Foi facil, ó Mãe formosa,
Foi facil o engano meu;
Que o semblante de Marilia
He todo o semblante teu.

LYRA XXXIII.

MInha Marilia,
Se tens belleza,
Da Natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma

Amante o peito
Do teu Pastor.

Em vão se virão
Perlas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o Ceo te dêo;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voraz tempo
Ligeiro corre:
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Octavio

Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah: vem, ó bella,
E o teu querido
Ao Deos Cupido
Louvores dar;
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possão zombar:
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprêgo
Do charo bem
Não vê defeitos,

E augmenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutrio no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Forão dotadas
De perfeição?
Forão queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu uome

Aos fins da terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for:
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De inveja a côr;
De todos ha-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão;
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,

Que te segura
A duração.

LYRA XXXIV.

N'Uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por ver de que tratavão
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas
Eu exclamo transportado;

Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'hum grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deos cego
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado.

Queres queimar esses versos?
Dize, Pastor attrevido,
Essas Lyras não te forão
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha gloria?

Disse Amor; e mal se calla,

Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno
Assim á queixa respondo:

Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar humas Lyras,
Que não são em honra della?

E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima, he tua?

Apenas Amor me escuta,
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas,

LYRA XXXV.

Em sima dos viventes fatigados
Morfeo as dormideiras espremia,
Os mentirosos sonhos me cercavão
Na vaga fantasia,
Ao vivo me pintavão
As glorias que disperto
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Náo possante,
Nos braços conduzindo a minha bella;
Voltêa a grande roda, e a groça amarra
Se enleia em torno della;
Já ponho a proa á barra,
Já cahe ao som do apito
Ora huma, ora outra vella.

Os arvoredos já se não destinguem;
A longa praia ao longe não branqueja;
E já se vão sumindo os altos montes,

Já não ha que se veja
Nos claros orisontes,
Que não seja vapores,
Que Ceo e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas,
E o pinho qual rochedo estar parado;
Ergue-se a onda, vem á Náo direita,
E quebra no costado;
O Navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cahir do laes a linha que os engana;
Hum doirado no anzol está pendente,
Sofre morte tyranna,
Entre tanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro huma carroça
De formosas conxinhas enfeitada;
Delfins a movem, e vem Thetis nella;

Na popa está parada;
Nem póde a Deosa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados
Os nús Tritões, deixando a esfera cheia
Com o rouco som dos buzios retrocidos.
Recreia, sim, recreia
Meus attentos ouvidos,
O canto sonoroso
Da musica sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gajeiro
Descobre arrumação, e grita terra,
A' murada caminha alegre a gente;
Alguns entendem que erra;
Pelo immovel sómente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres;
(E que nova alegria me arrebata!)
De Cascaes a moleta já vem perto,

Já de abordar-nos trata;
Já o Piloto esperto,
Inda debaixo manda
Soltar mezena, e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A groça artilheria já me atroa;
Lá ficão Paço d'Arcos, e a Junqueira;
Já corre pela proa
Huma amarra ligeira;
E a Náo já fica surta
Diante da grão Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços;
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente
Arrasta a mim os passos;
Ah! como vem contente;
De longe mal me avista
Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilia quanto eu fiz, fazer intenta;

Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh Ceos acordo!
Conheço não estar no claro Tejo;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem se quer a vejo.
Venha a hora afortunada,
Em que não fique em sonho
Tão ardente desejo.

LYRA XXXVI.

PE'ga na lyra sonora,
Péga, meu charo Glauceste;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos Pastores
A formosura celeste
De Marilia, meus amores.
Ah! pinta, pinta

A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino;
E o teu canto sonoroso
Tambem do seu rosto he dino.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta Natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio, e fez a neve.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia

Se affaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desvelles:
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Huns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada;
E para os olhos formosos,
A Estrella da madrugada.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas;
Os seus pés, quando passeão,
Pizando ternos amores;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.
Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a cópia
Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
Hum terno amante beijando

Suas doiradas cadeias ;
E em doce pranto desfeito ,
Ao monte , e valle ensinando
O nome , que tem no peito.
Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto ,
Inda que , Pastor , se veja
Que a minha bocca suspira ,
Que se banha em pranto o rosto ;
Que os outros chorão de inveja ,
E chora Dirceo de gosto.
Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a cópia
Se affaste della.

LYRA XXXVII.

COnvidou-me a ver seu Templo
O cego Cupido hum dia,
Encheo-se de gosto o peito,
Fiz deste Deos hum conceito,
Como delle não fazia.

Aqui vejo descórados
Os ternissimos amantes,
Entre as cadeias gemerem;
Vejo nas piras arderem
As entranhas palpitantes.

A quem ama, quanto avistas,
(Diz Cupido) não atterra;
Quem quer cingir o loureiro,
Tambem vai soffrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.

Com tudo que te dilates

Neste sitio não convenho;
Deixa a estancia lastimosa,
Vem ver a salla formosa
Aonde o meu solio tenho.

Entrei n'outro grande Templo,
Que prespectiva tão grata!
Tudo quanto nelle vejo
Passa alem do meu desejo,
E o discurso me arrebata.

He de marmore, e de jaspe
O soberbo fronterpicio,
He todo por dentro de oiro,
E a hum tão rico thesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornão
De sedas de finas cores,
Em lugar dos cortinados,
Estão prezos, e enlaçados
Fustões de mimosas flores.

Em torno da salla augusta

Ardem doirados brazeiros,
Queimão resinas que estallão,
E postas em fumo exalão
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do trono os seus genios
Alegres hymnos entoão;
Dançâo as graças formosas,
E aqui as horas gostosas
Em vez de correrem voão.

Estão sobre o pavimento,
Igualmente reclinados,
Nos collos dos seus amores
Os grandes reis, e os pastores,
De frescas rosas coroados.

Mal o acôrdo restauro,
Me diz o moço risonho,
Como ainda não reparas
Em tantas coisas tão raras,
De que este Templo componho?

Sabes a historia de Jove?

Aqui tens o manso Toiro,
Tens o Cisne decantado,
A velha em que foi mudado
Com a grossa chuva de oiro.

Applica Dirceo agora
Os olhos para esta parte,
Aqui tens a Lyra d'oiro
Que inda estima o Pastor loiro,
E a rede que enlaça a Marte.

Vês este arco destramente
De branco marfim ornado?
A' casta Deosa servia,
E o perdeo quando dormia
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta lyra? com ella
Tira Orfeo ao bem querido
Dos Infernos onde estava;
Vês este farol? guiava
Ao meu nadador de Abido.

Vês estas duas espadas

Ainda de sangue cheas?
A Tisbe, e a Dido matárão;
E os fortes pulsos ornárão
De Pyramo, e mais de Eneas.

Sabes quem vai no Navio,
Que nesse mar se levanta?
He Theseo. Vês esse pomo?
He de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.

Vê agora estes retratos,
Que destros pinceis fizerão,
Ah! que pinturas divinas!
Todas são das heroinas,
Que mais victorias me derão.

Repara nesse semblante,
He o semblante de Helena;
Lá se avista a grega armada,
E aqui de Troya abrasada
Se mostra a funesta scena.

Ves est'outra formosura?

He a bella Deidamia ;
Lá tens Achiles ao lado,
De huma saia disfarçado,
Como com ella vivia.

Cleopatra he quem se segue :
Alli tens lançando a linha
Marco Antonio socegado,
Ao tempo em que Augusto irado
Com armada Náo caminha.

Aqui Hermia se figura ;
Vê hum Sabio dos maiores,
Qual infame delinquente,
Ir desterrado, sómente
Por cantar os seus amores

Este he de Omphale o retrato ;
Aqui tens (quem o diria !)
Ao grande Hercules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte,

Conheces Dirceo aquella?
Onde vais, lhe digo, explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso della?

Ergo o rosto, ponho a vista
Na imagem não explicada,
Oh! quanto he digna de apreço!
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava;
Disfarçando amor olhava
Para mim a furto, e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega, e me abala;
Desperto de tanto assombro;
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me falla:

Sim, caro Dirceo, he esta

A divina formosura,
Que te destina Cupido,
Aqui tens o laço urdido,
Da tua immortal ventura.

Hum Numen, Dirceo, hum Numen,
Que os trabalhos de hum humano,
Desta sorte felicita,
Não he como se acredita,
Não he hum Numen tyranno.

Olha se a cega Fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares, ou na terra,
Em seus thesoiros encerra
Outro bem de mais valia?

Lizas faces cor de roza,
Brancos dentes, olhos bellos,
Lindos beiços encarnados,
Pescoço e peitos nevados,
Negros e finos cabellos:

Não valem mais que cingires,

Com braço de sangue immundo,
Na cabeça o verde loiro?
Do que teres montes de oiro?
Do que dares Leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal attrevido,
E ao peito que adora terno,
Que tem, para hum o Inferno,
Para outro hum Ceo, Cupido.

Ao resto Amor me convida,
Eu chorando a mão lhe beijo,
E lhe digo: Amor, perdoa
Não seguirte; pois não voa
A ver mais o meu desejo.

FIM DA PARTE I.

MARILIA
DE
DIRCEO.

PARTE II.

MARILIA
DE
DIRCEO.

LYRA I.

JA' não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado, em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candêa,
Que a molhada parede ou suja, ou pinta:
Bemque tosca, e fêa,

Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:
Elle me diz, que faça no pé de huma
Má laranja ponta,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo;
Verás, Marilia, huma idéa nova:
Sim, eu já te escrevo,
Do que esta alma dita
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,

Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentes
Dessa boca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguem me perguntar onde eu te vejo,
Responderei *No peito* que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só póde apagallo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Ceos, que vejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro:
Ah! dá-lhes hum beijo,

E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.

LYRA II.

MOrri, ó minha Bella;
Não foi a Parca impía,
Que na tremenda róca,
Sem ter descanço, fia:
Não foi, digo, não foi a morte fêa,
Quem o ferro moveu, e abrio no peito
A palpitante vêa.

Eu, Marilia, respiro;
Mas o mal, que supporto,
He tão tyranno, e forte,
Que já me dou por morto:
A insolente calùmnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo

Cadafalço enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo neste mundo, ó sorte impía,
E delle só me mostra a estreita frésta
O quando he noite, ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabello desgrenhado:
Ah, que imagem tão digna de piedade!
Mas he minha Marilia como vive
Hum Réo de Magestade.

Venha o processo, venha;
Na innocencia me fundo:
Mas não morrerão outros,
Que davão honra ao mundo!
O tormento, minha alma, não recuzes,
A quem sabio cumprio as leis sagradas,
Servem de solio as cruzes.

Tu, Marilia, se ouvires,

Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome se ultraja
C' o supposto delicto,
Dize severa assim em meu abono:
Não tóma as armas contra hum sceptro justo
Alma digna de hum throno.

LYRA III.

ESprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has de ver, Marilia, o medo escrito:
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As Furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas

Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso;
Fez de muitos os Astros,
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA IV.

SUccede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
A' quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas Primaveras
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos;

Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos Deoses;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta

Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA V.

JA', já me vai, Marilia, branquejando
Loiro cabello, que circúla a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão-perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,

Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gôsto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão;
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;

Mas logo que a doença faz seu termo;
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõ-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera:
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morrêo de amores?

LYRA VI.

Os mares, minha bella, não se movem;
O brando Norte assopra, nem diviso
Huma nuvem sequer na Esfera toda;
O destro Nauta aqui não he preciso;
Eu só conduzo a náo, eu só modéro
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,
Rasga-se a véla, e mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náo no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça:
Basta ao feliz não ter total demencia;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náo, marêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabìas vozes:
Elle me diz que soffra, senão morro;
E perco então, se morro, huns doces laços.

Não quero já, Marilia, mais soccorro;
Oh ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!

LYRA VII.

VOu-me, ó bella, deitar na dura cama,
De que nem se quer sou o pobre dono:
Estende sobre mim Morfêo as azas,
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodeão a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa;
Não pintão cadafalços, não, não pintão
Nenhuma imagem fêa.

Pintão que estou bordando hum teu vestido;
Que hum menino com azas, cégo, e loiro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de oiro.

Pintão que entrando vou na grande Igreja;

Pintão que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa;
A viva côr do pejo.

Pintão que nos conduz doirada sege
A' nossa habitação; que mil amores
Desfolhão sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintão que desta terra nos partimos;
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertão nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintão que os mares sulco da Bahia,
Onde passei à flor da minha idade:
Q' descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a gram Cidade.

Pintão leve escaler, e que na prancha
O braço já te off'reço reverente;
Que te aponta c' o dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui, *álerta*, grita o máo soldado;
E o outro, *álerta estou*, lhe diz, gritando:
Acórdo com a bulha, então conheço,
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A ver-me delinquente, réo de morte,
Não sonhára, Marilia, só comtigo,
Sonhára de outra sorte.

LYRA VIII.

De que te queixas,
Lingua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira,
O que te deu?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,

A impia sorte
Catoens á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos,
E a quem se devão
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo

Já mais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do claro Ceo.
Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano;
E cahe Vulcano
Da pura esfera,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra, e virtude:
Que o mais he della;
Mas isto he meu.
Este foi sempre
O genio seu.

LYRA IX.

MEu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réo, abrigo
A candida Virtude no meu peito.
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a pérfida calúmnia,
E forje o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,

E toca hum pouco nella:
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella;
Enche todo o contorno de alegria;
Não soffras, que o desgôsto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que hum bom cantor havia,
Que os brutos amansava;
Que os troncos, e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma
A sabia Antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado, e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa, que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedes, meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto;
Pódes fazer prodigios;

Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola hum peito afflito;
Que he menos inda, que domar as féras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo;
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA X.

EU vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna;
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo; (cerra
Que entre no grande Templo, em que se en-
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá florece o poder do Assyrio Povo;
Aqui os Médos crescem,
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*
Todas estas medalhas vêr agora?
Ah! não, não sejas louco!
Espaço de annos fóra
Para isso ainda pouco:
Deixa estranhos successos, vem comigo;
Verás quanto inda deve
Acontecer comtigo.

Levou-me aonde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.
Tirei-te libras de oiro,
Me diz, *e quero dar-te*
Todo aquelle thesoiro.
Não suspira por bens hum peito nobre;

Sevéro lhe respondo,
Vivo affeito a ser pobre.

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.
Alegra, alegra o rosto,
Prosegue, *alli te faço*
Restituir o posto.
Respondo em ar de mófa, e tom sereno:
Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.

Aqui te dou, me diz, *a tua amada*:
Então me banho todo de alegria.
Cuidei, me tórna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.
He esse o bem, respondo, *que me move;*
Mas este bem he santo,
Vem só da mão de Jove.

Queria mais fallar; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos:
Basta, Fortuna, basta;

Estes breves momentos
Lá n'outras cousas gasta;
Da minha sorte nada mais contemplo.
E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o Templo.

LYRA XI.

A Estas horas
Eu procurava
Os meus Amores;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fitta
Nos seus cabellos:

Ah! que assim mesmo

Sem compostura,
He mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Hum ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cêrco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No *rio, e fonte*,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha;

Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
He que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos,
De dia, em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte

Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gôsto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

Não ha Pastora,
Que chegar possa
A' minha bella;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:

Se amor concede

Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito:

Ornão seu peito
As sãs virtudes;
Que nos namorão;
No seu semblante
As Graças morão.

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

LYRA XII.

SE acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,

As afflicções tyrannas, que aos Precitos
Arbîtra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
As raivosas serpentes. (dos:
Mas cercão-me outros monstros mais ira-
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
Ou em mover a roda:
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por cousas que me affligem, roda, e gyra,
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tépidas entranhas não me come
Hum abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão, quando busco
Fartar o meu desejo:
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marilia bella;
E n'huma cousa só he mais humana
A minha dura estrella:
Huns não pódem mover do Inferno os passos;
Eu pertendo vôar, e vôar cedo
A' gloria dos teus braços.

LYRA XIII.

ARde o velho barril, arde a cabeça,
Em honra de João na larga rua;
O credulo Mortal agora indaga,
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,

E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas,
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum côpo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Náo á véla.

Mas, ah! em bem me lembre; eu tenho ou- (vido
Que na bôca hum bochecho d'agoa tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôca: ah: não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada,
E *que tal*, me pergunta, *esteve a peça?*
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: *Quem debaixo*
Do açoite da Fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.

LYRA XIV.

AH, Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não pódem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldêa,

Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflição.
　　Mandarás aos surdos Deoses
　　Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: *Aqui trazia*
Dirceo tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
　　Mandarás aos surdos Deoses
　　Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
E minha pobre morada.
Tu dirás então comtigo:
Alli Dirceo esperava
Para me levar comigo;

E alli soffreo a prizão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do cáro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavão
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa chêa:
Todo o congresso alli anda,
Só o meu amado não.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: *Não foi tyranna*
Sómente comtigo a sorte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união.
Mandarás aos surdos Deoses

Novos suspiros em vão.

N'huma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, rôxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.
Tambem mando os surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

LYRA XV.

Ves, Marilia, hum cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre;
A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere; elle bala, e morre.

Vês agora o novilho,
A quem segura o laço,
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover hum passo.
Não conhece que sahe de hum máo terreno;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como
Lhe dispomos a sorte;
Hum vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte:
Nós temos, minha bella, igual demencia;
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão:
De conselho mudárão:
Como escravo o vendêrão;
José não corre a ser hum servo afflito:
Vai subindo os degráos, por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bella, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais damnos me defende?
Póde ainda raiar hum claro dia.
Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
E beijo a santa mão, que assim me guia.

LYRA XVI.

ALma digna de mil Avôs Augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da Humanidade,
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu Templo
A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não he tambem de Heróe hum peito duro;

Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
Me grande para mim, quem move os passos
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar podera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

(vira,
Ah! se ao meu contrario entre as chamas
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára,

E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!
Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o cáro Amigo, te merece tanto;
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.
Ah! sim, honrado Amigo,
Se enxugar não poderes os seus olhos,
Prantêa então com ella.

LYRA XVII.

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Huns tristes gemidos,
Repara, Marilia,
Verás, que são meus.
Ah! da-lhes abrigo,
Marilia, nos peitos;
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvilos movido,
Os pede a Cupido,
Que a todos apanha,
E lá tos vai pôr.
Ah, não os desprezes;
Porque se conspira

O Ceo em meu damno,
E a gloria me tira
De honrado Pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado;
Perdi o meu gado;
Perdi, que mais vale,
O bem de te ver.
Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de hum triste,
Os deves, Pastora,
Por honra acolher.

Virá, minha bella,
Virá huma idade,
Que, vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.
Os crimes deshonrão,
Se são existentes;
Os ferros, q' opprimem
As mãos innocentes,

Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos:
Então mandaremos
De gôsto, e ternura
Suspiros aos Ceos.
Por-me-hão no sepulchro
A honrosa inscripção:
Se teve delicto,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réos.

LYRA XVIII.

Eu, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso chêa.
Tirarão-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encóste, hum só ca-
(jado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezáva o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuiso,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve bôca hum ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gôsto
De verte ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes hóras da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha,
Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces

Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar, sobeja
Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas, e com cêstos os peixinhos:
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores,
Dizendo huns para os outros: *Olha os nossos*
Exemplos da desgraça, e sãos amores.
Contentes viviremos desta sorte,
Até que chegue a hum dos dois a morte.

LYRA XIX.

VEjo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperso
No monte, e prado;
Que assim succede

Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Daráõ suspiros,
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta

Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu já não soffro

A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E delle Jove
Se compadece:
Que Jove, ó bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

LYRA XX.

DIrceo te deixa, ó bella,
De padecer cançado:
Frio suor já banha
Seu rosto descorado:
O sangue já não gyra pela vêa;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa:

A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se appresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa:
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a bôca,
E a pedra não despede;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sede:
Descança o curvo bico, e a garra impía
Negro abutre esfaimado:
Nem na róca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes;

E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficão
Almas dignas de pena.
Já sabe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria,
Só, bem que o gôsto as turvas agoas tome,
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as agoas puras,
Que o mel, e do que o leite mais suaves.
Aqui, diz elle, *espero a minha bella*;
Aqui contente viverei com ella.

Aqui ... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gozar teus doces laços;

E em paga dos meus males,
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu irás despois lá ter comigo.

LYRA XXI.

NÃO mólho, Marilia,
De pranto a masmorra,
Que o terno Cupido
Não vôe, e não corra,
Ahi-lo apanhar,
Estende-o nas azas,
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,

Marilia, c'os teus:
As lagrimas nossas
No seio amontôa,
Fórma azas, e voa,
Vai po-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livra-los querendo
De riscos, e damnos,
A Jove buscou.
As agoas, que o rosto
Da Deosa banhárão,
A Jove abrandárão,
A assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove,
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

LYRA XXII.

NEsta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata;
Busca extremoso, que eu assim resista
A' dor immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos;
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha;
A violencia da mágoa não supporto;
Foge-me a vista, e caio,

Não sei se vivo, ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Despois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem comsigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso,
Procura o sitio, em que Marilia móra,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se lagrimas verter a dor a arrasta,
Huma dellas me traze sobre as pennas,
E para allivio meu só isto basta.

LYRA XXIII.

SE me viras com teus olhos
Nesta masmorra mettido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido:
Qual seria, ó minha bella,
Qual seria o teu pezâr?

A' força da dôr cedêra
E nem estaría vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabello ainda flutúa
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,

Nem para de mim cuidar.

Dez-me Cupido ; *E Marilia*
Não estima este cabello?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vêlo?
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabello atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio;
Põe-se na meza a toalha,
E eu pensativo passeio:
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que a matar-te,
Diz amor, *te tens proposto*;
Fazes bem: terá Marilia
Desgôsto sobre desgôsto.
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas, Marilia,

Em que o Sol já se tem posto ;
Vem-me á memoria que nellas
Via á janella o teu rosto :
Reclino na mão a face ,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : *Já basta ,*
Já basta , Dirceo , de pranto ;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos ,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha , cuja candêa ;
Fica , Marilia , a masmorra
Inda mais triste , e mais fêa.
Nem mais canto , nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido : *São horas*
De escrever-se o que está feito :
Do azeite , e da fumaça
Huma nova tinta ageito ;

Tomo o páo, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono,
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo a Amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho;
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Resistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu, que vivo á sombra della,
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?

LYRA XXIV.

QUe diversas que são, Marilia, as horas,
Que passo na masmorra immunda, e fêa,
Dessas horas felices, já passadas
Na tua patria Aldêa!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra de alto Cédro na Campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua chara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata;
O écco agora diz: *Marilia terna*;
E logo: *Eulina ingrata.*

Deixão os mesmos Sátyros as grutas:
Hum para nós ligeiro move os passos:
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo, clama hum Pastor *ah! bem merece*
Da candida Marilia a formosura.
E aonde, clama o outro, *quer Eulina*
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta profia.
E ella, ó minha amada, só findava,
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marilia, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXV.

POr morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração!

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,

Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto he mais forte,
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

LYRA XXVI.

NÃo praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros:
Não traz de balde a vingadora espada;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo austera a bôca;

Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a penna?
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei, quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes;
Huma o fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prizão me dá, que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me, qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo, que julga delinquente,

Que gôsto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:
Não honras tamsómente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

LYRA XXVII.

Eu vou, Marilia, vou brigar co' as feras?
Huma soltarão, eu lhe sinto os passos;
Aqui, aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; a mim já corre;
Ao peito o apèrto, estalão-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança;
Venha embora; que o pulso
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expõem a minha vida
No cêrco dos Romanos?
Com ursos, e com onças eu não luto.
Luto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se recêa a nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro cóllo, abrir-lhe o peito
C' as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi : *Infame, indîno,*
Obras como costuma o vil humano ;
Faço, o que faz hum coração divino.

LYRA XXVIII.

MInha Marilia,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.
  Mas logo vôa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,

Tambem nos mostra
Que se desvéla;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.
  Em poucos dias,
Aó que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voráz Tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome,
Tambem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.
  Ah! só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa;
Derrete ao bronze,
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar.
Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em linguas
A's nuvens chegue,
A' força d'agua
Se ha de apagar.
Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agua a vemos

Mais s' inflammar.

O meu discurso,
Marilia, he recto:
A pena iguala
Ao meu affecto.
O amor, que nutro,
Ao teu aspecto,
E ao teu semblante
He singular.
Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dór tão forte
Póde acabar.

LYRA XXIX.

AQuelle, a quem fez cégo a natureza,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dous remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja;
Céga, que nem pergunta, nem apalpa,
He porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos
Ella, Marilia, faz de hum sceptro dono:
Cria n'um pobre berço huma alma digna
De se sentar n'um Trono.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece,
Para que serve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa,
Que atráz do vicio em liberdade corra;
Eu honro as leis do Imperio, ella me op-
N' esta vil masmorra. (prime

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa
Co' a solida razão se não coaduna;
Como me queixo da Fortuna tanto,
Se sei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa,
Que os Sábios fingem, que huma roda move,
He só a occulta mão da Providencia,
A sábia mão de Jove.

Nós he, que somos cégos, que não vemos,
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C'o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó minha bella,
He muito mais honroso.

LYRA XXX.

A Minha amada
He mais formosa,
Que branco lyrio
Dobrada rosa,

Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co' a folha a flor.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
C'o vento ondêa,
Ao seu cabello,
Quando flutùa,
Não he igual.
Tem a côr negra,
Mas quanto val!

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintillão
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são.
Que ao Sol excedem

Na luz, que dão.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve bôca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beiços
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe désse,
Compadecido,

Tanto soccorro
O Deos Cupido;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rosto;
E de goza-lo
O vivo gôsto!
Que, sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal;
Porqu' inda espero,
Resisto ao mal.

LYRA XXXI.

DEtê-te, vil humano;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.
O çumo, que ellas dão, he pouco forte;
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca visse o mundo;
Traze o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta;
Bem que huma onda, e outra onda

Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, afferra,
Não teme ao furacão mais violento;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco, e rócha, ó bella,
Que açoita o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella:
Não temas que do rosto a côr se mude:
Vence as róchas, e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O cobarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Huma alma como a minha?

LYRA XXXII.

Eu descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lyra d'oiro.

Já basta, me diz, *ó filho*,
Já basta de sentimento;
O cançado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não socega em tanto:
Ergo a voz; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
He mais doce, e mais sonóro

Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regía o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir hum largo espaço,
Assim diz: *o Deos Cupido*
Faz inda mais, do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra;
Louva, louva a tua bella;
Porém vê que t'a concedo
Com condição, e cautella....
Eu lhe córto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.

LYRA XXXIII.

O Pai das Musas,
O Pastor loiro
Deo-me, Marilia,

Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo;
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

O teu cabello
Vale hum thesoiro;
Hum só me adorna
A sábia frente
Melhor, que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Delles faz guerra;
Ninguem lhe foge,
Ninguem resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Tambem occulto

Nas lindas cóvas ,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores ,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus ,
Quando com arte
As armas toma ;
Porque mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas ,
Quando , Marilia ,
O som escuto
Das vís cadêas.

Dou hum suspiro ,
Corre o meu pranto ;
E , inda bebendo

Lagrimas tristes,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum vivo exemplo:
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o Templo.

LYRA XXXIV.

ROubou-me, ó minha Amada, a sorte (impia,
Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia.

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
Que he sepulchro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo:

Mas se esta companhia não mereço,
Os Deoses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas he comtigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subíra ao Potro,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas:

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por huma beijo,
E chóro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a mólha o pranto;
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado
A tudo, quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subírão,
Os que te amão, sómente
Porque menos te ouvírão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felices nega.

LYRA XXXV.

NÃo has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreo os ferros?
Infames impostores mos lançárão,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi huma vez, não foi só huma,
Que em defeza dos bens, que são do Estado,
Moveu a sábia pluma.

He certo, minha amada, sim he certo
Q' eu aspirava a ser de hum Sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunhão, não batião

Da grossa peça, e do mosquete os tiros;
Só erão minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, disvellos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros;
Não tinha no meu campo estranhas tropas;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir hum claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prizões de allivio cheas
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou Monarcha;*
Dou leis, que he mais, n'um coração divino;
Solio que ergueu o gôsto, e não a força,
He que he de apreço dino.

LYRA XXXVI.

Meu sonoro Passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Hum doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,
Se me queres ser propicio;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrella,
Sóbe á serra, e se cansares,
Descança n'um tronco della.

Toma de Minas a estrada;
Na Igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue

Sempre firme a Villa Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa huma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem hum palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janela,
He da salla, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições, e modos.

O seu semblante he redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros, e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A bôca risonha, e breve,
Suas faces côr de rosa,

N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo nesta mosmorra,
Mas sem allivio penando.

LYRA XXXVII.

SE o vasto mar se encapella,
E na rócha em flor rebenta,
Grossa náo, que não tem léme,
Em vão sustentar-se intenta;
Até que naufraga, e corre
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistão

Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada;
Os amigos mascilentos;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo n'ũa grande praça
Hum theatro levantado.
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alfanje affiado.

Hum frio suor me cobre,

Lassão-se os membros, suspiro;
Busco allivio às minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta;
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;

E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

LYRA XXXVIII.

Eu vejo aquella Deosa,
Astrêa pelos Sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vela não me causa hum leve aballo,
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual he o povo, dize,

Que comigo concorre no attentado?
Americano Povo!
O Povo mais fiel, e mais honrado!
Tira as Praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submete
De novo á sujeição do Luzo Throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandezes,
Eu vejo saqueada
Esta illustre Cidade dos Francezes;
Lá se derrama o sangue brazileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro..;

Em quanto assim fallava,
Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo, e acceso rosto:
Não suspendo com tudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo;

Acabou-se tyranna,

A honra, o zello deste luzo Povo?
Não he aquelle mesmo,
Que estas acções obrou, he outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas hum homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,
Que aos outros mover possa
A' força de respeito, á força d'oiro?
Os bens de quantos julgas rebelados
Pódem manter na guerra,
Por hum anno se quer, a cem Soldados,

Ama a gente acizada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha huma acção destas (co?
Nas mãos d'um pobre, sem respeito, e lou-
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmolla lhe mandasse?

Nos lemites de Minas,

A quem se convidasse não havia;
Hir-se-hião buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a Côrte brazileira
Na terra dos Suissos,
Onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo author do insulto
Mais a riso, do que a terror me move;
Deo-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia he tratallo por demente;
Ou prendello, ou entregallo,
Para delle zombar a moça gente,

Aqui, aqui a Deosa,
Hum extenço suspiro aos ares solta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta:
Tu te irritas! lhe digo, e quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim, socega, attende.

E tinha que offertar-me

Hum pequeno abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Com as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco esperto,
Que hum bem tão contingente,
Me obrigasse a perder hum bem já serto?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extinção do debito pedia?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Hum direito arriscado eu busco, e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?
Não me unira, se os houvesse, aos vís trai-
Daqui nem oiro quero; (dores;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó céga, não tenho

Hum groço cabedal dos pais herdado:
Não o recebi no emprego, (dado.
Nem tenho as instrucções d'um bom Sol-
Far-me-hião os rebeldes o primeiro
No Imperio que se erguia
A' custa do seu sangue, e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A Deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beiço;
O sitio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora:
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais esta hora.

SONETO.

OBrei quanto o discurso me guiava,
Ouvia aos Sabios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,
Mais duro, ou pio do que a lei pedia;
Mas devendo salvar ao justo ria,
E devendo punir ao réo chorava.

Não forão Villa Rica os meus projectos,
Meter em ferreo cofre copia d'oiro,
Que farte aos filhos, e que chegue aos
(netos:
Outras são as fortunas, que me agoiro,
Ganhei saudades, acquiri affectos,
Vou fazer destes bens melhor thesoiro.

INDEX DAS LYRAS

PARTE I.

PARTE II.

pag.	v.	*Erratas.*	*Emendas.*
13	v. 6.	Que amou	Que elle amou
58	v. 11.	muda de	muda o
79	v. 12.	com as	como as
82	v. 4.	connecêo.	conhecêo.
90	v. 5.	Sim, e	Verás, e
	v. 13.	Queestalla,	Que atalha,
	v. 19.	Borbolhões	Borbotões
92	v. 16.	Mas	Mal
106	v. 3.	não seja	não sejão
108	v. 11.	Diante da grão	Diante de
157	v. 19.	E minha	A minha
158	v. 19.	comtigo	comigo
162	v. 7.	Me grande	He grande

Alguãs são variantes.

Thomas Antonio Gonzaga, né en
1747, mort en 1809. Son père était un
magistrat Brésilien, qui en dernier lieu fut
envoyé à Porto. Dirceu étudia à Coïmbre
le droit en 1763; il avait fini ses études en
1768. Il alla au Brésil et vécut d'abord à Bahia,
puis, il fut nommé Ouvidor de Villarica.
Ce fut là qu'il connut la Marilia, la belle
Dona Maria Joaquina Dorothea de Seixas,
née dans la province de Minas. Ce fut
dans l'intérieur du Brésil où fermentaient
des principes d'indépendance, qu'il fut plus
qu'on prétend. Condamné à l'exil perpétuel à
Pedras de Angoxe, cette peine fut commuée
en dix ans de bannissement à Mozambi-
que; il quitta le sol brésilien à la fin de
(22 mai 1792)
de 7bre 1793. Arrivé sur la plage de l'afr
que il négligea un jour de porter son chapeau
et l'insolation amena la folie. Une certaine
Dona Juliana prit alors soin du poète et
le Conseiller Rezende Costa, prétend
qu'il l'avait épousée. On prétend d'autre part

Qu'il n'en paraît. - Gonzaga avait comp-
osé dit on dans la traversée de l'exil un
poème qui ne vit jamais la lumière.
C'est à tort que Monglave et Chabot
ont dit que Gonzaga avait adopté la 2me
Marilia dans son recueil de Rio de Janeiro.
Nous ne savons point d'après quelle
autorité ces messieurs, dont le travail
d'ailleurs est estimable, ont dit que
Marilie repoussa d'abord toutes les
offres de mariage qui lui furent
faites, et que vaincue par les prières et
les menaces de la famille, elle devint
l'épouse d'un officier de l'armée brésilienne.
(Fd. 15 avril 1851)
Après de longues discussions, il a
été reconnu que Gonzaga était né à
Porto et non à Bahia. Ce fut en Portugal
qu'il commença à entrer dans la carrière de
la magistrature, il fut juiz de fora en trois
endroits différents avant de passer à Villa-
rica, il vint dans son enfance à Bahia. Le jour
de son départ de Rio est fixé au 22 mai
1792, il s'était embarqué sur le navire
Nossa Senhora da Conceição Princeza de
Portugal.

• Il s'était en effet marié à Mozambique avec cette Juliana qui s'était emparé de son esprit. Ces derniers documents ont été fournis par Varnhagen, qui les a copiés sur une pièce découverte aux archives par le Dr. Sylva. Voy. la Revista trimensal de 1851.

Depuis que cette note a été écrite, on a publié l'acte de mariage de Gonzaga avec dona Juliana.